

ENTREVISTA COM ANDREA CAVALLETTI¹

Tradução: Vinícius Honesko²

Enfant prodige da mitologia, da egiptologia e da filosofia, Furio Jesi escreveu sua primeira obra aos 15 anos. Autêntico herdeiro de Walter Benjamin, coloca sua imensa erudição a serviço da análise das revoltas. Por ocasião da publicação em francês de *Spartakus. Simbologia da revolta*³, já havíamos conversado sobre a obra de Jesi com Andrea Cavalletti, curador das obras na Itália. Esta semana, conversamos com ele sobre *Cultura de direita*, outro livro essencial de Furio Jesi recém publicado pelas edições La Tempête⁴. Trata-se de analisar as raízes do fascismo e do nazismo para compreender na totalidade suas manifestações contemporâneas.

1 – Cultura de direita é o último livro publicado em vida por Jesi. Os conceitos por ele forjados em outros livros aí estão presentes, em particular o de “máquina mitológica”, o qual funciona como um método original para compreender as mitologias da direita. O que é essa “máquina mitológica” e como Jesi construiu seu método?

Andrea Cavalletti: Jesi remete ao ensaio de 1973, *A festa e a máquina mitológica*, isto é, à definição de seu mais notório “modelo gnosiológico”, a “máquina mitológica”, justamente. Trata-se de um

1 N.T.: A entrevista foi originalmente publicada em francês na revista *Lundi Matin*, em 04 de maio de 2021 – cf.: <https://lundi.am/Demolir-la-culture-de-droite>. Há também uma versão italiana publicada na revista *Archeologia filosofica*, em 12 de maio de 2021 – <https://www.archeologiafilosofica.it/demolire-la-cultura-di-destra-intervista-con-andrea-cavalletti/>. A tradução foi feita com cotejamento das duas versões.

2 É professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Foi professor visitante na Universidade de Bolonha em 2021, onde também desenvolveu estágio pós-doutoral. Foi coordenador do Bacharelado em História – Memória e Imagem, da UFPR, entre 2017 e 2021. É tradutor de dezenas de livros e artigos de autores como Giorgio Agamben, Furio Jesi, Jean-Luc Nancy, Massimo Cacciari, Luigi Pareyson dentre outros. E-mail: viniciushonesko@gmail.com

3 N.T.: No Brasil, a tradução foi publicada em 2018 pela editora N-1. Cf. JESI, Furio. *Spartakus. Simbologia da revolta*, trad.: Vinícius N. Honesko, São Paulo: N-1, 2018.

4 N.T.: No Brasil, a tradução foi publicada em 2022 pela editora Âyiné. Cf. JESI, Furio. *Cultura de direita*, trad.: Davi Pessoa, Belo Horizonte: Âyiné, 2022.

dispositivo do qual só podemos ver o exterior, mas que alude à presença, em seu interior, do “mito”, custodiado e inacessível atrás das próprias paredes impenetráveis, e em relação ao qual, entretanto, oferece e torna apreciáveis as narrativas, testemunhos, isto é, as mitologias: “seu funcionamento remete incessantemente ao alimento mítico, que, no entanto, permanece inacessível, e oferece, em vez desse alimento mítico, o alimento mitológico”. Talvez, seria possível comparar esse modelo ao do panóptico foucaultiano, isto é, à presença inverificável do guardião no interior da torre. As paredes do modelo jesiano, todavia, são feitas de mitologias.

Ora, a “cultura de direita” é, para Jesi, o produto do mecanismo mitológico ou linguístico das “ideias sem palavras”. É uma circulação linguística que “exige não-palavras”, usa estereótipos, frases feitas, palavras de ordem, não tanto, e não só, em razão de ignorância, mas justamente porque a própria pobreza dos vocábulos e dos sintagmas, sua evidente insuficiência, alude a algo que permanece, no fundo, incommunicável. A série dos lugares comuns, das superstições e dos preconceitos remete à dimensão do segredo, é compreendida e colocada na perspectiva de uma verdade apenas presumida, que é tal justamente porque permanece não expressa, e, permanecendo inapreensível, é partilhada pelo falante e por aqueles que o escutam. A língua de não-palavras, aludindo ao inverificável, reúne assim um círculo de seguidores e age no plano da pura veridicidade (justamente dos rumores): quem crê nos *Protocolos dos Sábios de Sião*, por exemplo, preocupa-se muito pouco com sua autenticidade, porque o complô não deve ser um fato apurado, mas uma eventualidade plausível (como a presença do guardião de Foucault). Por esse motivo, declarar a inexistência (ou a falsidade) daquilo que a máquina diz conter (livro, documento, notícia, fato...) seria cair em seu engano. Declarar que seu conteúdo não é (real), significaria confirmar justamente sua essência mítica, que age aqui quando não está aqui, realmente verificável. Jesi nos ensina a não cair nessa armadilha, isto é, a estudar – sobretudo apreender *in flagrante* – e a expor o funcionamento da máquina mitológica. Esse estudo permanece, em específico, a única maneira de não colocar em movimento o dispositivo, de não aderir à “cultura de direita” e, no fundo, a única maneira de não ser fascista.

2 – Cultura de direita é composto de dois estudos de Furio Jesi publicados em revistas em 1975 e 1978. Para começar, você poderia voltar ao que levou Jesi a reunir esses textos num livro e ao que ele chama de cultura de direita?

Andrea Cavalletti: O que leva o mitólogo a estudar especificamente a cultura de direita? A essa pergunta responde, na realidade, com a primeira frase do livro: “Não é possível dedicar um certo número de anos ao estudo dos mitos, ou dos *Materiais mitológicos*, sem se deparar muitas vezes com a cultura de direita e sentir a necessidade de enfrentá-la [...]”. E, com efeito, desde 1964, Jesi em certo sentido sempre estudou a *Cultura de direita*, ou melhor, a cultura imperante como forma de “tecnicização” (Kerényi) ou “manipulação” dos mitos. Nesse ínterim, ele reconheceu nos limites da ciência mitológica (praticada por seus mestres) barreiras funcionais para a salvaguarda da cultura burguesa. Orientada pela constatação de que todo conhecimento intelectual herda instrumentos e materiais que não são neutros e inofensivos, mas coerentes com a natureza do patrimônio cultural, portanto, com as relações de poderes vigentes, sua pesquisa é assim ainda mais penetrante e eficaz em razão de uma marcada tensão autocrítica.

Em particular, esse livro pretende esclarecer, todavia, “alguns aspectos” da *Cultura de direita*, certamente os mais impressionantes e perigosamente ativos. Citaria, a propósito da ciência do mito, e das religiões, as páginas que Jesi dedica ao, como o chama Kerényi, “trivial Eliade”, estudioso que naquele momento está no ápice da celebridade, mas que nos anos 1930 foi autor de textos ferozmente antisemitas e, ademais, admirador do fascista romeno Codreanu. E uma vez que Jesi expõe algumas contiguidades significativas entre o estudo dos mitos e a produção de uma mitologia fascista, citaria então algumas páginas, dedicadas a Julius Evola, o esotérico, racista, grande sábio e até hoje adorado pelo neofascismo italiano. O aprendizado a que tal guia e seus epígonos submetem seus adeptos é feito de gestos gratuitos e brutais, de exaltação do sacrifício, da morte insensata e bela. E justamente essas “tarefas inúteis idealizadas por sábios do neofascismo esotérico”, explica ainda Jesi, “são de fato utilizadas por outros por razões muito menos metafísicas, e se tornam autêntico terrorismo por objetivos muito concretos”. Provavelmente será possível lembrar que o período entre a primavera e o verão de 1974 é o dos atentados a bomba na Piazza dela Loggia, em Brescia, e no trem Italicus (que ia de Roma a Munique na noite entre 3 e 4 de agosto de 1974). Já alguns anos antes, em 1970, Jesi tinha tomado a palavra para defender os anarquistas injustamente acusados do massacre da Piazza Fontana, em Milão.

3 – Jesi sustenta que há tanto, e a cada vez, um neofascismo “de rosto feroz” quanto um fascismo “bem vestido”. Se isso tem uma ressonância

particular hoje, onde Jesi situa a gênese histórica de suas ideologias?

Andrea Cavalletti: Jesi examina a diferença entre as duas modalidades de comportamento colocando-a em relação com a diferença entre as ideologias do neofascismo esotérico, sagrado, inspiradas em Evola, e as do neofascismo profano, com seus fetiches e seu culto pelo luxo espiritual e material. Ele constata, portanto, que não há uma homologia entre a diferença ideológica e a de comportamento: o rosto feroz não é uma prerrogativa do neofascismo sagrado e o neofascismo bem vestido não é apenas o profano. Não há, portanto, no fascismo, uma coerência entre ideologia e comportamento. Aqui, entram em jogo, pelo contrário, algumas relações mais interessantes: o fascismo esotérico, por exemplo, prevê uma separação hierárquica entre os sábios e aqueles que por falta de atitude não podem ter acesso ao mistério. Estes últimos podem, todavia, operar no mundo, uma vez que o sábio, o “didata da Tradição”, lhes designa tarefas que são, por si só, inúteis, mas justamente por isso, são apenas uma série de “provas”, provas de aprendizado, voltadas ao melhoramento dos seguidores e, sobretudo, também por meio do sacrifício dos indivíduos, ao reforço da raça. A hipótese de Jesi, que me parece muito convincente, é a de que ao menos em parte os atos terroristas daqueles anos tenham sido projetados como tarefas inúteis pelos sábios-mestres para seus (é claro, absurdos) fins didáticos, e, no entanto, favorecidos, instrumentalizados, desfrutados por outros para fins muito distintos, isto é, no âmbito de estratégias políticas para as quais é útil que a bomba exploda, e exploda sobretudo “no momento certo”. Se isso é verdade, acrescenta Jesi, elucida-se também a insensatez evidente e inapagável de certas ações: justamente o gesto inútil pode, com efeito, escapar ao controle dos manipuladores; então, a inutilidade permanece como tal, por assim dizer, pura (isto é, coerente apenas com a didática esotérica): a bomba explode num momento qualquer, e a lógica do *cui prodest* resulta, nesse caso, inaplicável.

4 – Seguindo as reações dos ambientes de direita após a publicação do livro, os Wu-Ming⁵ puderam afirmar que Jesi era “o mais odiado pelos fascistas”. Como explicar essa reação?

5 N.T.: *Wu Ming Foundation* é o pseudônimo literário de um grupo anônimo de 5 autores italianos. Estão em atividade desde o início deste século e têm diversas obras literárias publicadas.

Andrea Cavalletti: De fato, é preciso certo esforço para que ela seja explicada, isso porque eram demasiado previsíveis e qualquer um teria evitado cair na armadilha, mostrando assim que os próprios nervos ainda estão, desde 1979, muito descobertos e irritáveis. Sim, é possível reconhecer nisso um reflexo condicionado. Cultura de direita é, ademais, o mais provocador dos livros, e Jesi – que não teve medo de se expor – parece ser a provocação personificada: estudioso genial e independente, comunista, judeu, e, assim, de fato insuportável porque maneja, indaga e lida a seu bel prazer com objetos e livros sagrados, em relação aos quais um tipo do gênero jamais deveria sequer se aproximar. É preciso ter presente que essas reações não provêm apenas do ambiente neofascista (naqueles anos ainda ativos, como as próprias editoras citadas por Jesi), mas também de certos progressistas democráticos, opinionistas mais ou menos influentes que não podem tolerar Cultura de direita porque os coloca diante de uma verdade desagradável: a cultura, a papa homogeneizada do passado, feita de “ideias sem palavras” (Jesi cita Spengler) e, portanto, de “palavras escritas em maiúscula”, é a mesma de que sempre se nutriram e na qual chafurdam facilmente – justamente eles, que continuam a repetir, quarenta anos depois, que a diferença entre esquerda e direita é velha, inservível e deve ser superada. Quando os fascistas atacam Jesi e seu livro, sabem que encontram um porto seguro, que se dirigem a outros num diálogo afetuoso. Jesi, todavia, ridiculariza, torna impossíveis de serem propostos tanto a superação quanto seus atores. Com base em sua definição de *Cultura de direita*, com efeito, a diferença entre direita e esquerda, ainda que não seja “abstratamente infundada”, na Itália simplesmente não subsiste, porque não há cultura que não seja justamente de direita. A pretensão de superar uma distinção que não existe, o evidente esforço de ir “além”, toda a enfadonha retórica da novidade, mostram-se assim aquilo que são: repetições obsoletas do sempre igual. Por isso, são muitos os que não conseguem fazer outra coisa senão se irritar, e, assim, além de tantos nervos à flor da pele, também aparecem as velhas amizades e cumplicidades.

5– *Em 2016, a editora La Tempête publicou Spartakus, livro no qual Furio Jesi analisa, como mitólogo, a “simbologia da revolta” sobretudo por meio do exemplo do levante espartaquista. Com Cultura de direita, o trabalho de desmitologização se concentra nos discursos e nas teorias dos representantes da direita europeia. Você vê uma forma de continuidade e/ou de rompimento entre essas duas obras?*

Andrea Cavalletti: Posso responder lembrando que há mais de vinte anos, quando encontrei as folhas datilografadas de *Spartakus*, notei com certo desapontamento a falta de uma página. Por sorte, no entanto, não havia sido perdida. Jesi a havia retirado do envelope do livro para inseri-la (preparando assim uma de suas “montagens”) numa pasta de trabalho intitulada justamente “Materiais do estudo sobre a cultura de direita”. Portanto, devemos falar de uma continuidade segura e certa, verificável nas próprias intenções do autor. E podemos indicá-la com mais precisão: retomando essa página muitos anos depois, Jesi sublinha (com uma marca à margem) uma passagem sobre François de Curel a respeito da concepção do “homem de valor” capaz de “impor-se à massa e lhe ditar os movimentos”, e, portanto, sobre a ideia de uma massa “que necessita de um guia”. O leitor de Cultura de direita não encontrará a referência exata, mas poderá certamente reconhecer o argumento sobre esse tema. Em *Spartakus*, o nome de Curel é então aproximado ao de Barrès, “boulangista, antidreyfusiano, defensor da tradição nacional e religiosa”. E Jesi lembra que o protagonista do romance de Barrès, *A colina inspirada*, é o herético que, por fim, submete-se à ordem da Igreja: em outras palavras, o homem da revolta que nesta reconhece “não só a extinção, mas o apagamento na experiência dos mitos aos quais se une o poder”. O personagem literário é assim um modelo político, testemunha acerca de qual tipo de “simpatia” aquele poder, do qual Barrès participa, pode nutrir pela revolta. E *Spartakus*, com efeito, é um estudo sobre a revolta compreendida como “suspensão do tempo histórico”, portanto, também sobre sua falência e sua utilização, sobre seu fim cruel como poderosa reconstituição (depois da pausa provocada e interrompida no momento certo) das barreiras do tempo “normal”, isto é, coerente com os ativos de poder.

É possível observar justamente que o problema da tecnicização dos mitos e de sua exploração é central tanto em *Spartakus* como em Cultura de direita; assim, também seria possível reconhecer analogias entre a mitologia do sacrifício do revoltoso e o gesto inútil cumprido pelo neófito do fascismo esotérico; e, portanto, lendo as palavras de Cultura de direita sobre os atos terroristas suscitados no momento justo, seria possível se lembrar da passagem sobre a luta espartaquista que, enquanto revolta e não revolução, foi paradoxalmente “útil ao poder contra o qual havia se lançado”. E ainda: talvez não seria ilícito confrontar as frases sobre a fratura entre práxis e ideologia no fascismo com aquelas sobre sua inseparabilidade em Rosa Luxemburgo. Em suma, seria possível detectar uma série de analogias ou oposições, simétricas correspondências. É claro, *Spartakus*

é uma obra de desmitologização ou de destruição daqueles elementos da cultura burguesa capazes de se insinuar e agir mesmo na luta dos oprimidos; *Cultura de direita*, por sua vez, examina a própria construção mitológica, um âmbito no qual existem apenas aqueles elementos, somente as “ideias sem palavras”, e no qual o mecanismo mitológico-linguístico funciona de forma plena. E então os dois livros são divididos pela “máquina mitológica”, que Jesi ainda não havia pensado em 1969 e que não aparece em *Spartakus*. Mas é verdade que por razões contingentes aquele livro teria sido lançado apenas postumamente, e é também verdade que Jesi havia, pela primeira vez, proposto e colocado à prova seu modelo num genial ensaio sobre o *Bateau ivre*, de Rimbaud, publicado em 1972⁶, que é justamente um ensaio sobre a revolta e sua diferença em face da revolução, assim, um pouco como uma versão nova e abreviada de *Spartakus*. Portanto, sim, eu também diria: continuidade e descontinuidade; descontinuidade ou, justamente por isso, continuidade.

6 – *Você poderia nos explicar qual era o método de trabalho e de escrita de Jesi?*

Andrea Cavalletti: Jesi trabalhava habitualmente deste modo: entregava às revistas seus ensaios prevendo reuni-los num volume. Mesmo o livro contemporâneo a *Cultura de direita*, qual seja, *Materiais mitológicos*, recolhe textos já publicados, sobretudo em “Comunità”, o periódico com o qual Jesi colaborava com assiduidade nos anos 1970 e no qual haviam sido publicados os dois estudos sobre a cultura de direita. Sobre isso, é preciso falar de uma verdadeira técnica de “composição”: sejam as reuniões de ensaios, ou ainda ensaios únicos, ou livros como *Spartakus*, ou como o *Kierkegaard*, de 1972, os trabalhos de Jesi são sempre, de maneira mais ou menos evidente, obras de montagem, e o modelo dessa técnica era “o conhecimento por citação de Walter Benjamin”.

7 – *A obra de Bachofen, pouco lida nos dias de hoje, parece ocupar*

6 No Brasil, a tradução foi publicada na revista *Outra Travessia*, do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Cf. JESI, Furio. “Leitura do *Bateau ivre* de Rimbaud”, in.: *Outra Travessia*. n. 19. *A Arte, entre a festa e a mudez*. UFSC. 1º Semestre de 2015. Trad.: Fernando Scheibe e Vinicius N. Honesko.

um lugar importante no trabalho de Jesi, e também é possível se ter a impressão de que ele busca “salvar” esse autor de sua recuperação pela cultura de direita. Você pode nos dizer porque Jesi poderia ter considerado a interpretação desse autor como a aposta de uma luta?

Andrea Cavalletti: A pergunta é muito importante e mereceria uma resposta muito mais longa e articulada do que a que posso esboçar aqui. De fato, Jesi cita Bachofen desde a metade dos anos 1960, retomando o importante conceito de “símbolo que repousa em si mesmo”, que também se encontra em Cultura de direita. Vocês sabem que a obra de Bachofen já havia sido enfrentada, dentre outros, por autores como Alfred Bäumler (que havia feito a introdução, em 1926, de uma antologia de escritos de Bachofen), Ludwig Klages, Walter Benjamin. Lembro apenas, para dar uma ideia das respectivas posições, que em seu célebre ensaio sobre Bachofen, escrito durante o exílio em Paris (em 1934-35, para a *Nouvelle Revue Française*, que, todavia, não o publicou), Benjamin exprimiu uma crítica tão explícita quanto cáustica da filosofia de Klages; sempre em Paris, ele pôde observar Bäumler entre os membros da delegação oficial alemã durante o IX Congresso internacional de filosofia: “Bäumler é impressionante – comentou –: sua postura imita em todas as particularidades a de Hitler, e sua nuca gorda é o complemento perfeito do cano de um revólver”. Era 1937. Trinta anos depois, Jesi começará a se ocupar, para a editora Einaudi, da maior obra de Bachofen, o *Muttermacht*, traduzindo-o, escrevendo a introdução (da qual restam duas versões) e longas e precisas notas de comentário. Trata-se de um trabalho enorme, jamais terminado, e que não dará tréguas durante os anos de redação de Cultura de direita. Nesses anos, Jesi estuda Bachofen tomando posição em relação à direita da *Bachofen Renaissance* dos anos 1920-1930 (e aos epígonos italianos como Evola e seus seguidores); sua leitura é voltada, por assim dizer, a apreender o teor de verdade daqueles livros das mãos do inimigo, portanto, uma leitura próxima à de Benjamin. Mas é também uma leitura muito atenta para ser colocada em face do Bachofen de Benjamin, isto é, para evitar o mimetismo, para não recair numa fácil e ingênua relação de empatia, justamente porque é penetrada pela ideia – sim, genuinamente benjaminiana, das *Teses sobre o conceito de história* – de que “nem mesmo os mortos estarão a salvo do inimigo, se ele for vitorioso”. Jesi, em outras palavras, segue a tentativa de Benjamin, mas isso, para ele, implica: não aderir à letra de Benjamin, mas a seu método, porque, junto com Bachofen,

agora também é preciso tomar Benjamin das mãos de um inimigo que não deixou de ganhar. Assim, voltamos ao método, ao conhecer por composição ao qual acenava antes.

RECEBIDO EM: 19/12/2022

APROVADO EM: 20/12/2022